

de Luiz Peçola
(Livro Peçola)

Suburbios
(Luiz Peçola)

SEM SORTE

Ando agora de amores... De
[maneira
Que nada faço... E assim, de
[amor tomado
Vivo a engrossar a bela cos-
[tureira
Que amo, e, por quem não sou,
[no entanto, amado.

Ela não gosta desta brinca-
[deira...
Raro chega à janela do so-
[brado...
Chama-me às vezes: poeta ca-
[beleira
E outras vezes o tísico assanhado.

Eu acho graça nestes apelidos...
E olho-a, cheio de amor, de
[olhos compridos
Como um faminto, a contem-
[plar um pão!

Mal comparando — é esplendi-
[da a figura...
Ela, porém, que é um mimo...
[de gordura,
Não vai gostar desta compa-
[ração.

DECEPÇÃO

Ha muito tempo já que eu lhe
[dizia:
— Filha tem pena! Isto faz
[mal a gente!
Está ancia, este desejo, esta
[agonia,
Ter fim precisa positivamente...

Ora, um dia... (estas coisas
[geralmente
Se dão de noite, mas se diz: —
[um dia,
Porque a leitora é sempre in-
[teligente
E tais coisas à noite malícia...)

Um dia... mas, enfim, não sei
[se conte!
Temo que a moça que me lê,
[corando,
Me feche o livro ou mesmo
[desaponte...

Um dia... Ela pôs fim aos
[meus desejos:
E, à sós comigo, a boca me
[beijando...
Basta! É melhor não se passar
[dos beijos!

Suburbios! Suburbios
Das meças prendadas,
Que fazem bordados
E querem casar
Dos cães vira-latas
Que uivam à lua,
Emquanto as galinhas
Se deixam roubar.
Suburbios! Suburbios,
Das ruas lamentas,
Das ruas humildes
Que até nem os nozes
Se lê nos jornaes
E sóbem ladeiras,
De noite, sózinhas...
De cem em cem metros
Um bico de gaz!
Suburbios do tempo
Do chá com torradas,
Sofás de palhinha,
Suburbios de então...
Suburbios teimosos
Dos trens atrasados
Quando uma passagem
Custava um tostão.
Em meio a paisagem
A casa é um ovinho,
Tão pequenino...
Pequeno de mais.
No fundo o terreiro,
Com o seu mamoeiro
Que quebra no meio
Quando ha temporaes.
Na praça, à noitinha,
A gente passeia
De cá p'ra lá
A praça se apinha
De povo. Ha um coreto...
Calor como nunca
E o grito de um preto
— Sorvete Yáá!
Suburbios! Suburbios!
Viver de namoro
Com uma pequena
Que seja morena,
Morena de lei,
Morena-thesouro
Com um dentinho de ouro
Que saiba, sorrindo,
Dizer-nos: Não sei!
Ser noivo no Meyer
Ser noivo e sabido!
Ouvindo uma valsa tocada de
[ouvido:
"Amores de Abril"
Ser meio mulato,
Mulato e foguista
Da Estrada de Ferro Central do
[Brasil.

BRASIL

Luiz Peçola

Eh! Oh, boiadeiro!
O fim desta estrada
Onde é que vai dar?
— No fim desta estrada
Tem sete lagôa
Tem dez capoeira,
Tem vinte frechá.
Dispois tem cem rio

Maió do que o má
Dispois tem as serra
Subindo nas serras,
Lá em riba na chá
E oiando pr'a baixo, Os montes lá em baixo
Parece boiada...
Os dias vai vindo
Vancê vá seguindo
Que não tem errada!
Dispois disso tudo
Tem mais outra estrada...
Dispois dessa estrada?
Tem muitas estradas...
Tem sempre Brasil...
Dispois do Brasil?
Dispois não tem nada!

Depois que ela foi-se embora...

Depois que ela foi-se embora
Nunca mais o sol, coitado,
Entrou na minha janela...

E o desgraçado
Do vento
Me engana a cada momento
Vem bater à minha porta:
E eu corro para ver si é ela...

Luiz Peçola

SURSUM, CORDA!

CARLOS D. FERNANDES

Homens do meu país, lavradores, letrados,
Sabios, industriaes, artezãos, magistrados,
Que, unos, constituís nossa custódia grey!
Ao baluarte, ao fortim, á trincheira, á estacada!
Tudo espera de vós a Patria bem-amada,
Que em si mesma defende o regimen da Lei.

Provimos todos nós desta sublime terra,
É, pois, como um labéo a infamia desta guerra,
Que nos vieram mover scelcrudos irmãos.
São quarenta milhões de livres brasileiros,
Que não querem ficar innocuos prisioneiros
De centurias venaes, de arruaceiros vãos.

Nós somos a Nação augusta e poderosa,
Que se sente feliz, compensada, orgulhosa
Do seu passado e quer trabalhar, progredir.
Somos nós o presente esperançoso e forte;
Somos nós o Brasil todo, de Sul a Norte,
Que "nos musculos sente a seiva do porvir".

Que importa a rebelião de torpes ambiciosos,
Temerarios pygmeus, Tartufos affrontosos,
Que almejam simplesmente escalar o poder;
Sem reflectir, sequer, no arremesso nefando,
Tal a sofreguidão de prestigio e de mando,
Que lhes turva a noção de consciencia e dever?!

Vede-os, medi-os bem os sinistros sicarios:
Parasitos senis, infidos mandatarios,
Vulgares histriões, solertes phariseus.
Para o povo embair, dizem-se democratias,
Educados na Cruz, fizeram-se apostátas,
Renegando os avós, blasphemando de Deus.

Um é o ignobil juiz, que almoeda os arminhos,
Outro os braços marêa e suja os pergaminhos,
Que assistiram da Patria á maior sagração.
O resto é a turba vil de vis aventureiros;
São os amoucos, mercenarios, trabuqueiros;
A heterogenea tropa, a adultera legião.

Eis os tacis coripheus d'essa nova cruzada,
Que nos vieram trazer o chuço, a lança, a espada,
Emvez da mansidao, da concordia e da paz!...
É possivel triumphar a horda repellente,
Que, proscrevendo o arado, a charrua, a semente,
Quer inundar de sangue esta gleba feraz?!

Que respondam por nós os idos Bandeirantes,
Lindeiros do Brasil! Os dormidos gigantes,
— Mortos de Humaytá — Tiradentes, Feijó,
Deodoro, Benjamin, Floriano, Prudente,
Accordes entre si no proposito ingente
De a todos nos fundir numa unidade só.

Unidade que cinge as mais diversas zonas,
Que irmana os seringaes do hydrico Amazonas
Com as pastagens em flor das savanas do Sul;
Que encerra no regaço o calido Nordeste,
A faixa litoral, o inhospito agreste,
Sob as bençãos vernaes do mesmo céu azul.

Respondei, cidadãos: é possivel que vença
O ousio de quebrar esta grandezza immensa,
Que nos herdaram nossos inclitos avós?!
É possivel scindir a Patria Brasileira,
A que protege e guarda a estrellada Bandeira,
A cuja sombra reunimos todos nós?!

"Não, possivel não é" diz-nos o nosso brio,
Braça-nos dentro em nós o acordado alvedrio,
Assistido da Fé, da licita Razão.
Perigam tradições, conquistas e riquezas!
Defendamos o mar, a terra, a natureza,
Com que Deus nos brindou! Todos á defensão!...

Todos á defensão! Accorrei, patriotas!
Nós não somos vilões, nem sabujos ilotas,
Nem sudras serviciaes, nem sectarios ruins!
É uma lucta de irmãos, mas contra irmãos traçoceiros...
A metralha, a fusil os iorvos petroleiros!
Varramos da familia os perjuros Cains!

Soneto, de Arthur Almeida

O INCESTO. Drama em 3 actos. Acto primeiro :
Jardim. Velho castello illuminado ao fundo.
O cavalheiro jura um casto amor profundo,
E a castellã resiste... Um famulo matreiro

Vem dizer que o barão suspeita o cavalheiro...
Elle foge, ella grita... — Apito! — Acto segundo :
Num salão do castello. O barão, iracundo,
Sabe tudo... Horror! Vingança! — Acto terceiro :

Em casa do galã, que, sentado, trabalha,
Entra o barão armado e diz: "Morre, tyranno,
Que me roubaste a honra e me roubaste o amor!"

O mancebo, descobre o peito: "Uma medalha!
Quem f'a-deu?! — Minha mãe! — Meu filho! — Cae o panno...
A* scena o autor! á scena o autor! á scena o autor!

Quando me esperas, palpitando amores,
E os labios grossos e humidos me estendes,
E do teu corpo calido desprendes
Desconhecido odor de estranhas flores;

Quando, toda suspiros e fervores,
Nesta prisão de musculos te prendes,
E aos meus beijos de satyro te rendes,
Fartando ás rosas as purpureas côres

Os olhos teus, inexpressivamente,
Entrefechados, languidos, tranquillos
Olham, meu doce amor, de tal maneira

Que se olha ssem assim publicamente.
Deveria, perdôa-me, cobril-os
Uma discreta folha de parreira.

Muitas vezes sorrindo me perguntas :
Se eu morrer hoje, meu querido amigo,
Fazes-me uns versos, fazes-me um artigo?
E eu te respondo:—As duas cousas juntas.

No entanto fel, ao meu peccado ajuntas
Se assim te pões a gracejar commigo.
Não poderia ver o teu jazigo,
Como o jazigo vi de mil defuntos!

Ai! não, não morras, pallida formosa,
Porque a morte inimiga escura e fria,
Fôra indiscreta, fôra temerosa!

Se tu morresses, eu tambem morria,
E a minha dor, acerba e escandalosa,
O teu cadaver comprometteria!

Não ha no mundo quem amantes visse
Que se quizessem como nos queremos...
Um dia, uma questiuncula tivemos
Por um simples capricho, uma tolice.

— «Acabemos com isto!», ella me disse,
E eu respondi-lhe assim—«Pois acabemos!»
E fiz o que se faz em taes extremos :
Tomei do meu chapéo com fanfarrice

E, tendo um gesto de desdem profundo,
Sai canta rolando... (Stá bem visto
Que a fôrma, ah!, contrafazia o fundo).

Escreveu-me... Voltei. Nem Deus, nem Christo,
Nem minha mãe volvendo agora ao mundo
Eram capazes de acabar com isto!

Valsemos!—O seu nome?—Elisa.—Elisa!
Que lindo nome tem!—Acha?—Podéra!
—Acerte o passo...—Assim?—Mas não precisa
Apertar-me...—E' formosa!—Ai, que exagera!

—Oh! não cores: eu amo-te!—Quem dera
Fosse verdade...—Tenho-a por divisa
—Acha-me leve?—Eu?—Veja que me pisa...
—Parece-me valsar é uma chimera!

Dás-me esse cravo?—Aqui? Si lh'o não dêsse?...
—Eu vou tirar'l'o da sedosa trança...
Agora um beijo!—Ai, mau! Si lh'z parece!

Quefez?... Um beijo?!—Agora uma esperança...
... Mas felizmente a musica emmudece,
Si alguns momentos mais dura esta dansa...

THEATRO DE LISBOA

Os versos não me dão bastantes meios
De me gozar das distrações que ha.
Por isso annuncios de theatro, leio-os,
Mas leio apenas, porque não vou lá.

Porém succede ás vezes que um amigo,
Que tem namoro, ou que o deseja ter,
Não vae, diz elle, se não fôr commigo.
E eu vou com elle... para o entreter.

Num d'esses casos raros... porque em summa
O meu forte não é o lupanar,
Fui com um d'elles assistir a uma
D'essas peças que ahi costumam dar.

Se o Barba Azul, não sei, era notavel
Mas não me lembra; lembra-me que ao pé,
Ficava uma familia respeitavel;
— Mãe, duas filha, pai ou quer que é.

Ellas, as tres, a qual mais elegante.
Com tanta coisa, que eu não sou capaz.
De deslindar aquillo, só por deante;
E fóra o que traziam por detraz.

Elle, calvo, figura magestosa,
Ar de capitalista portuguez,
Com seus botões de pedra cõr de rosa,
Em punhos postos a primeira vez.

Contemplava eu o quadro, arrependido
De me não ter achado com valor
De conquistar as honras de marido
E a gloria de ser pai, ou de o suppôr.

Quando vem uma das comediantes
E por esta engraçada exclamação,
"Se você é seu pai, já muito antes
Ella era minha filha... Saiba então!"

Elle começa a rir assim d'esguelha
Para a mulher que estava muito ensossã;
A mãe desata a rir para a mais velha,
Que desatou a rir para a mais moça;

E eu... para todas tres; por achar graça
Não só no dito, mas ainda mais
No chiste, na pilheria, na chalaça
D'aquellas filhas e d'aquelles paes!

João de Deus

Sua Excellencia

Nem optimo nem pessimo. Vae indo.
Personificação do meio termo,
Veio das vascas do governo findo
E é um palliativo no paiz enfermo.
Ora galgando altura, óra cahindo,
Ora na multidão, óra num ermo,
Alguns affirmam que é um talento lindo,
Outros que é um pobre e simples estafermo.
De livres pensadores teve os votos,
Continuando entre os beatos e os devotos,
A ser o que carrega a maior trouxa,
Da presidencia, em meio á lufa-lufa,
Quanto mais se lhe bate mais estufa,
Quanto mais se lhe aperta mais afrouxa.

Rodrigues Alves

Era ministro então. O Olavo e o Guima
Diziam que elle era o Morpheu da pasta,
E o dorminhoco andava em metro e rima
Na pilheria que a tanta gente agasta.
Mas galgando o Cattete, escada acima,
Num despertar febril, Morpheu arrasta
Todas as forças que a vontade anima,
Nos vastos planos de uma idéa vasta.
Tudo revive! A actividade é infrene.
São mutações de sonho! É o Eldorado
É o Dinheiro na Esthetica e na Hygiene!
Hoje, glorioso e um tanto fatigado,
Não se deixa ficar calmo e solemne
A dormir sobre os louros do passado.

Francisco Glycerio

Este é por certo o verdadeiro espelho
Das maiores derrotas e conquistas
Que o regimen vem tendo, e o seu conselho,
Tem sempre o cunho das mais largas vistas.
Foi das mollas mais rijas do aparelho
Que deu cabo das hostes monarchistas.
Foi o Moyses do novo Mar Vermelho,
A egua madrinha dos propagandistas.
Calmo, risonho, perspicaz, cordato,
Todos sentem no illustre veterano,
Do politico arguto o fino tacto.
Mas o Mathusalem republicano,
Tem orgulho infantil de ser, de facto,
O bisavô dos netos do Herculano!

Vicente de Carvalho

Fraço e doente, se solta algum gemido,
Ou sae um verso ou brota uma sentença.
Se como Juiz sempre é acatado e ouvido,
Como poeta não topa quem o vença.
Se nas Ordenações presta sentido,
Tem, nas regras de Horacio, parte immensa.
Não se lhe sabe o culto preferido:
Se na Arte ou no Direito, tem mais crença.
Tendo um defeito, nunca teve alcunha.
Quando apparece, num reencontro á liça,
O que aos antagonistas acabrunha,
É vêr que, sem fraqueza nem preguiça,
Numa só mão, com o mesmo gesto empunha,
A aurea lyra e a balança da Justiça!...

O Bonifrate

Dizia Hugo que o Napoleão Terceiro,
Era o Estado terciario de tal nome.
Em tal estado aqui, certo mineiro,
Um appellido que é immortal consome.
Mas este, de tal fama agora herdeiro
Nem só de gloria sente séda e fome.
Cava como qualquer politiquero
Embaindo a quem quer que a sério o tome.
De ar sisudo, solemne e perna bamba,
N'uma circumspecção de novo Accacio,
Tem os pés para dentro em ar de samba.
O irmão ao vêr-lhe o aspecto pavonacio,
Grita orgulhoso: — Que esplendor, caramba!
É mesmo um Zé com muito Bonifacio!

Rubião

Pedra preciosa de um tamanho immenso,
(Pois que o nome é um rubi deste tamanho
Que á sorte e que á fortuna traz appenso),
Eis mais ou menos o seu vulto estranho.
Escravo cauteloso do bom senso,
Fugidio ao espirito, tacanho, | venço!
Quando entra em lucta diz: Ou morro ou
E é difficil que alguem lhe tome o ganho.
Desdobrado em trabalho multiforme,
Em finança e politica não dorme,
E numa ou noutra, nunca perde a audacia.
Sendo do Bananal, não é um banana:
Tocou rumo a S. Paulo a caravana,
E o il-o Rubião em honra da rubiacea.

Julio de Mesquita

Com este agora a musa não contava!
Nem a musa mordaz, nem a bregueira.
Em certo dia o vejo a deitar lava:
Approximo-me e encontro uma geleira.
Quando a apparencia é fria a alma está brava.
Se aquella é tormentosa, esta é fagueira,
E assim, da vida, o rumo, a sós, desbrava,
E, a sós, colima o termo da carreira.
Por muito que o humorismo o prenda e
Elle não esbraveja nem se irrita, | engrade,
Mas se lhe escapa com facilidade.
A golpes de talento o laço evita
E ao ridiculo oppõe a habilidade.
Eis, mal pintado, o Julio de Mesquita.

Washington Luiz

É um bandeirante novo sem as botas
De andar em carrascaes, ou serras brutas,
De penetrar nas mais profundas grotas
Ou se internar nas mais soturnas grutas.
É o bandeirante urbano nas devotas
Ancias de ver em fórmas resolutas,
O esplendor das metropoles remotas
Em plinthos, columnatas e volutas.
Elle antevê, nas côres mais exactas
Da Paulicéa as graças infinitas,
No aureo fulgôr de magicas palhetas.
Porém, depois dos bons tempos de pratas,
Elle que é homem que detesta as fitas,
Sente a falta do arame nas gavetas.

Oliveira Lima

De carne molle e pelle bambalhona,
Ante a propria figura se extasia.
Como oliveira elle não dá azeitona,
Sendo lima parece melancia.
Atravancando a porta que ambiciona
Não deixa entrar nem entra. É uma mania!
Dão-lhe por isso a alcunha brincaalhona
De para-vento da diplomacia.
Não existe exemplar na actualidade
De corpo tal e de ambição tamanha,
Nem para intriga igual habilidade.
Eis em resumo essa figura estranha:
Tem mil leguas quadradas de vaidade
Por milímetros cubicos de banha.

O Leader

Dos gloriosos Andradas pouco resta.
Apenas dois ou tres vivem agora
Cá por São Paulo, porque em Juiz de Fóra
O que ha, ou não é Andrada ou então não presta.
Que essa é a verdade, um delles bem attesta,
Pois nada herdou desse fulgôr de outr'ora.
Ama o evasivo, o duvidoso adora
E á dubiedade vive a fazer festa.
E mal sabe o que quer. Fraço e bisonho,
Do Guanabara á Camara anda a esmo,
De ser leader mantendo o ingenuo sonho.
Coitado! Nem é leader de si mesmo!
— Triste mineiro a disfarçar risonho,
A saudade da couve com torresmo. —

Lauro Müller

De uma magreza de evitar chuvisco,
Tem a altura fatal de um para-raio.
Tão alto que, se o aspecto lhe rabisco,
Na vertigem da altura até desmaio.

Hoje é o senhor do cobiçado aprisco
De tenros diplomatas em ensaio:
Astuto, na rigeza de obeliseo,
Não nos encara, espia de soslaio.
De alma arguta e sagaz, nada chimerica,
Feita de tino e de sabedoria,
Tudo a seu vêr é uma funcção numerica.
Mas de andar e viajar, tem a mania:
— Cometa diplomatico da America,
Judeu errante da diplomacia.

O Ministro

Tão pequenino e trefego parece,
Com seu passinho petulante e vivo,
A quem o olha assim com interesse
Que é a quinta essencia do diminutivo.

Figura de leiloeiro de kermesse,
Meloso e parecendo inoffensivo,
Tem de despeitos a mais farta messe,
E do orgulho é o humillimo captivo.

Não ha talento que elle não degrade,
Não ha sciencia e saber que elle á porfia,
Não ache aquem da sua magestade.

Delle um collega ha tempo me dizia:
É o Hachette illustrado da vaidade,
É o Larousse da megalomania!

Carlos Maximiliano

Lá na terra dos pampas tem o nome
De Chimarrita, diz o Leal de Souza,
E este appellido affirmam que o consome
E é o que o ha de levar á fria lousa.

Se lh'o repetem briga e já não come,
Não pára, não descansa, não repousa,
Aguenta a sede, supportando a fome,
Dando o estrilo feroz por qualquer cousa.

Entretanto, não tem os dotes falhos,
Do talento gaúcho é um bello adorno
E tem brilhantes feitos e trabalhos.

Rapadurescamente espalha em torno,
Uma impressão do cheiro a vinha d'alhos,
De um leitõesinho mal tostado ao forno.

Amadeu Amaral

Dizem que ás vezes, quer se achar bonito,
Mas nem sendo Amadeu e sendo amado,
Mas muito amado mesmo, eu não hesito:
Se não é feio é bem desengraçado.

Entretanto se o vejo (isto é exquisiteso)
Atravez de um soneto burilado,
É mais que bello, affirmo em alto grito,
É o proprio Apollo que lhe fica ao lado.

Mais comprido que a universal historia,
Este Leconte com seu ar caipira,
Me deixa uma impressão nada illusoria.

Quando elle ao alto, a inspiração atira,
Com a cabeça a topar no céu da gloria,
É um guindaste a guindar a propria lyra.

Caetano de Faria

Dobradiça de mola e parafusos,
Abre a porta da escola á da caserna
E, em casos complicados e confusos,
Com a tarimba o gabinete alterna.

Dirige a pasta conhecendo os usos
E os segredos da tactica moderna,
Governa a sós, não attendendo a intrusos,
Mas a vaidade, ás vezes, o governa.

Tem serviços e estudos ás centenas,
Bravo se o instineto do guerreiro o guia,
Tem na paz qualidades não pequenas.

Porém, ó raio da burocracia!
Sendo Faria, o que elle faz é apenas
Como ministro, o que qualquer . . . faria.

Alexandrino

Rumo ao mar! Eis a phrase predilecta
De quem na Armada, hoje é senhor da pasta.
E que, para poder tocar a méta,
Mil tropeços, mil óbices affasta.

Mas o rumo ao bom senso é a linha recta
De quem as verbas do Thesouro gasta.
E tudo o mais é sonho de poeta.
(Alexandrino é verso e isto não basta).

Mas se é verso, não seja verso branco,
Pois facilmente a rima rica brota,
A quem da inspiração tem porto franco.

Olhe os bancos de areia nessa róta:
Se ella, no rumo ao mar, trepar num banco
A Nau do Estado vae á bancarrota.

Sabino Barroso

Este é um amuado chronico e se amna
De modo agudo, repetidas vezes.
Quer ser a vertical da terra á lua
E evita os actos e palavras soezes.

Na rigidez do aspecto elle accentúa
Gestos nem sempre amaveis e cortezes,
Para mostrar a linha toda sua
De quem despresa os miseros burguezes.

Sendo, no fundo, integralmente honesto,
Não como o bolo regeitando o resto
Como a certos gargantas conviria.

A vitaliciedade da enxaqueca,
Deu-lhe a apparencia comprimida e secca
De um frango assado de confeitaria!

Hemeterio

O preto não ensina só grammatica,
É pelo menos o que o mundo diz.
Mette-se na dynamica, na estatica
E em muitas coisas mais mette o nariz.

Dizem que quando ensina mathematica,
As licções de mais b, de igual a x,
Em vez da lousa, com saber e pratica,
Sobre a palma da mão escreve a giz.

Uma alumna dizia: Este Hemeterio
Fez de ensino um verdadeiro angú,
Com que empanurra todo o magisterio.

— É um felizardo o príncipe zulú,
Quando manda um parente ao cemiterio,
Tem um lueto barato: fica nú.

Os vencidos

OS ARGONAUTAS

Mar fóra, eil-os que vão, cheios de ardor insano.
Os astros e o luar—amigas sentinellas,
Lançam bençams de cima ás largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.

Eil-os que vão buscar noutras paragens bellas
Infintos cabedaes de algum thesouro arcano...
E o vento austral que passa em coleras, ufano,
Faz palpitar o bojo ás retesadas velas.

Novos céos querem ver, mirificas bellezas;
Querem tambem possuir thesouros e riquezas
Como essas náos que têm galhardetes e mastros...

Ateiam-lhes a febre essas minas suppostas...
E, olhos fitos no vacuo, imploram, de mãos
[postas,
A aurea bençam dos céos e a protecção dos as-
[tros...

= Francisca Julia =

Sim! Eu conheço todos os vencidos:
Passam por nós como desaparecidos
De tudo que interessa ou que fascina,
São seres de alma em flor e corpo em ruína.

Sim! Eu conheço todos os vencidos:
Seus ares humilhados e offendidos
Revelam tudo o que padecem sós;
Olham de um modo estranho para nós
E é toda gente desta caravana
Desencantada da virtude humana.

Sim! Eu conheço todos os vencidos:
São os homens de gesto, combalidos
Que, depois de uma vida delusoria
Em que perderam tudo pela gloria,
Acabam lamentando, intimamente,
O seu passado como o seu presente.

Sim! Eu conheço todos os vencidos:
Os que tiveram sonhos desmedidos,
Ansias de heroes, de genios, ou de santos,
Mas que soffreram taes desdens e tantos
Que acabaram nos coutos dos bandidos
Ou nos abrigos para os indigentes,
Ou nos refugios para os penitentes,
Ou nas prisões de onde não voltam mais,
Ou nos hospícios ou nos hospitaes...

Sim! Eu conheço todos os vencidos!...

A. J. PEREIRA DA SILVA

As Centaúras (Francisca Julia)

Patas dianteiras no ar, bocas livres dos
[freios,
Nuas, em grita, em ludo, entrecruzando as
[lanças,
ei-las, garbosas vêm, na evolução das dansas
rudes, pompeando á luz a brancura dos seios.

A noite escura, fulge o luar, gemem as
[franças;
míl centauras a rir, em lutas e torneios,
galopam livres, vão e vêm, os peitos cheios
de ar, o cabelo solto ao léu das auras mansas.

Empalidece o luar, a noite cai, mádruga...
A dança hipica pára e logo atrôa o espaço
O galope infernal das centauras em fuga:

E' que, longe, ao clarão do luar que empa-
[lidadece,
enorme, aceso o olhar, bravo, do heroico
[braço
pendente a clava argiva, Hércules aparece...

DESPEITO

de

VIRGINIA VICTORINO

Digo o que noutro tempo não diria...
Foi tudo um grande sonho enganador.
Nego o passado, e juro que esse amor
Só existiu na tua fantasia.

Sinto a volúpia da mentira. A dor
não transparece. Nego. Que alegria!
Fiz crer ao mundo inteiro, por magia,
que és, de todos os homens, o pior.

Nunca me entonteceu esse sorriso.
E vê lá tu, se tanto fôr preciso,
nego também as cartas que escrevi.

Quero humilhar-te, em fim... — Mas não compreendo
porque me exalto, e choro, e te defendo,
se alguém a não ser eu diz mal de ti.

PECCAUEL

"Louca! a porta do Inferno abriste, a porta
Da desesperação e do desejo,
E dos sete Peccados o cortejo
Ao mysterio tartáreo te transporta.

Allucinado, num supremo arquejo,
A minha voz, a retornar te exorta,
Mas, contemplando a tragica retorta,
Prestes a nelle mergulhar, te vejo.

Lilith, a rir, em furia, a face torta,
As mãos sangrando, em perfido rastejo,
Chega-se a ti e o coração te corta.

Succumbes. E eu te beijo. E, num lampejo,
Resurges, porque, até depois de morta,
Reviverás ao fogo do meu beijo!

(Virginia de Barros)

Pisando tão de leve, tão ligeiro,
Que eu não o vi sequer, nem escutei,
Elle chegou, na sombra, sorrateiro,
Esse amor que eu não quiz e não busquei...

Medrosa: "Quem será esse estrangeiro?"
Ao vel-o approximar-se perguntei.
"Porque se apossa do meu ser inteiro,
Esse amor que eu não quiz e não busquei?..."

De perto, tinha a face de um guerreiro
E a insolencia magnifica de um rei...
Tomou conta de mim, forte e altaneiro,
Esse amor que eu não quiz e não busquei...

Agora, o seu capricho sobranceiro
Na minh'alma domina e dita a lei...
E eu sou feliz, no doce captivo, eiro,
Desse amor que eu não quiz e não busquei...

A SERINGUEIRA

(Severino Silva)

Um dia, com o teu leite amamentaste o mundo,
E um dia, atropelando o teu solo fecundo,
Entrando o coração da selva hospitaleira,
Sabios, poetas, heróes, párias sem nemé,
Bradando o seu ideal, rugindo a sua fome,
Celebram teu culto, Seringueira.

Dêste-nos com o teu leite a Patra bella e forte,
Gloriosa entre as irmãs do Continente,
Formosa no concerto universal.
A seiva do Brasil palpitava no norte,
Crepitava no céu, na gleba quente
Deste opulento Pindorama tropical.

O homem simples e bravo do nordeste,
Que a miseria exilou da terra ingrata,
Batendo-o inexoravel e cruel,
Foste tu que attrahiste e recolheste
Na verdejante Canaan da mata,
De cujos flancos manam leite e mel.

Eil-o, titão da serra e da campina,
Enrijado na faina da lavoura;
Centauro rude a conduzir rebanhos
Por grotas, entre espinhos e cipós;
Eil-o remando a igarité franzina,
Sem medo á boiussú devoradora,
E a enfrentar bichos mãos, reptis estranhos
No tijuco letal dos igapós.

Eil-o a investir perigos e mysterios,
Num constante sonhar e laborar,
Desattento aos effluvios deleterios
Da agua, da terra, da floresta e do ar.

Tu não tremeste ao golpe do seu braço,
Próvida e rica, maternal e amante,
Amaste e encorajaste o Seringueiro
Com a seducção do leite bemfeitor.
Impavido, indomavel, sem cansaço,
O Seringueiro, irmão do Bandeirante,
Foi, no mais bruto solo brasileiro,
O constructor e o civilizador.

Ouvindo Beethoven

(Sonata ao luar)

Nelson de Araujo Lima

(Para a GAZETA DE NOTICIAS)

Escuta, meu amor... Beethoven, sobrehumano,
Na emoção musical deste invisível piano,
Surge e vae constellando, em lagrimas de dor,
A noite tropical de meu céu interior.
Sonha, lá fóra, o luar, e seu genio soturno
Abrindo um luar de sons no silencio nocturno
Projecta no painel de meus olhos fechados
A paizagem lunar dos sonhos mallogrados!
Qualquer coisa divina anda perdida no ar...
Aos accordes subtis desta "Sonata ao luar".
Dir-se-ia que, a sonhar, num "extasis" profundo,
Fugindo deste mundo, abandonando o Mundo,
A alma da gente vê, pelos nossos ouvidos,
A longinqua Canaan dos desaparecidos!
Por isso, de alma além, no transe de quem sonha,
Eu te quero contar uma historia tristonha...
E' uma historia de amor... Do Amor paradoxal
Que, sendo um grande bem e sendo um grande mal,
Tem do vinho o sabor e o travo do vinagre...
E ora exalta, ora humilha, ora opera o milagre
Das grandes redempções da vida transitoria...
Mas, deixemos o amor... Vamos á nossa historia.

Era uma vez um piano... Um piano abandonado,
Fechado na mudez de uma sala qualquer...
Se foi lindo e feliz o seu remoto passado,
E' que, sobre o marfim de seu alvo teclado
Houve afagos subtis das mãos de uma mulher.

E que mãos divinaes! Eram asas morenas
Que pairavam na paz das horas silenciosas
Quando, nalma da noite, as estrellas serenas
Faziam do infinito um jardim de açucenas
E pairava no espaço um perfume de rosas...

Na penumbra da sala essa figura esguia
Que, só por pensamento, o meu olhar vislumbra,
Ao piano reclinada, a recordar, soffria
E punha a alma nas mãos tecendo com magia
Uma renda de sons que envolvia a penumbra!

E enquanto ella embalava a saudade que mata,
A's vezes vinha o luar através da janela
E espalhando no chão filigranas de prata,
Parecia escutar esta linda sonata
Pondo um beijo de luz sobre os cabellos della!

Mas um dia — Que dia! — essas mãos não tocaram...
Desse instante nem mais um accorde se ouviu...
As horas vesperaes, desertas, se quedaram,
O piano se calou, as notas se calaram
E tudo emmudeceu desde que ella partiu...

Porém, quando, no céu, romantica, fluctua
Esta lua immortal que nos leva a sonhar,
Um raio azul de luar na sala se insinua
O piano adormecido acorda e, á luz da lua,
Sozinho vae tocando esta "Sonata ao luar!"

Lá fora andam rondando estrellas peregrinas
Velando esta amplidão que a noite adormeceu...
E tu, longe de mim, nem siquer imaginas
Que és a dona das mãos morenas e divinas
E que o piano magico sou eu!

Sim, sou eu que sonhei estar muito mais perto
Da ventura que eu quiz num desejo sem fim...
Porém quando acordei, tudo estava deserto,
Só a saudade ficou... e a saudade, por certo,
E' a unica mulher que não fugiu de mim

Escuta meu amor... E' Beethoven... No cofre
Da immensidade azul os proprios astros ouvem
Esta "Sonata ao luar" que o genio de Beethoven
Compoz para embalar o espirito que soffre!

Agora, vão morrendo as notas... Tu que ouviste
A musica immortal que morre lentamente,
Sentiste certamente o que eu senti... Sentiste
Unido ao meu destino, o teu destino triste
De inutilmente amar soffrendo inutilmente!

Tu soffres na renuncia, eu soffro na ansiedade
De amar para viver... de viver para anjar!...
E vamos pela mão desta fatalidade
Que um dia nos uniu e ha de nos separar...
Olha, lá fora, o luar... Tudo é tranquillidade!
Assim, tambem, será a noite da saudade...
Immensa como o céu, soturna como o mar
E linda como os sons desta "Sonata ao luar!"

Desejo de ser mãe

A. M. Castagnino

ADVERTENCIA

Desde que se inventou a poesia, um verso em cada linha se colloca; parece que a elegante symetria dos bons leitores a attenção provoca. Para que o conto occupe pouco espaço, um systema adoptei muito diverso: em prosa vil parece-lhes que o faço; mas reparem, leitores, que isto é verso...

I

A minha escura e rancorosa estrella levou-me um dia, para meu tormento, a certo baile do Cassino; vel-a e adoral-a foi obra de um momento! Achei depois um optimo pretexto para o paterno humbral transpor um dia; mas o pae da pequena (um velho honesto) manifestou-me pouca sympathia. Pois á terceira vez em que, apressado, lhe galguei as escadas infinitas, mandou dizer que estava incommodado, e não podia receber visitas! Vendo que assim me era negada a porta, surgiu a minha bella n'um postigo, e docemente murmurou: — Que importa?... Amote muito: hei de casar contigo!

D'ahi por diante o nosso amor vingou-se em numerosos e arriscados lances; e a phantasia prodiga nos trouxe materia para innumerados romances!

Ouvindo-lhe as promessas mais ardentes, eu viajava por ignotos mundos durante as entrevistas innocentes que ella me dava no portão dos fundos. Os passarinhos, nessas entrevistas, bregellos, saltitantes, indiscretos, repetiam, sonisonos coristas, o estribilho gentil dos nossos duetos.

II

Porém um dia um molecote, astuto mensageiro das nossas garatujas, os passarinhos transformou — que bruto! — n'uma alcatela de horridas corujas! Deixou que o velho e honrado pae, sentindo de occulta carta accusador perfume, interceptasse este bilhete lindo: «Hoje, no sitio e ás horas de costume»!

Houve — pudéra! — enorme barafunda! A moça teve uns oito faniquitos, o moleque apanhou tremenda tunda, e ambos soltaram pavorosos gritos!

Vieram visinhos, medicos, urbanos...! Encheu a casa estranho borborinho! O moleque infeliz foi posto em pannos de agua e sal por benevolo visinho... A minha namorada, semi-nua, rolava aos gritos pelo chão da sala; a entremettida comissão da rua não tinha forças para segurar-a! O velho irado, pallido, fremente, expectorava a maldição paterna, enquanto a filha, inconscientemente, mostrava a todos a roliça perna!...

III

Depois de procellosa tempestade, vem, felizmente, a prospera bonança; serenam-se os animos...

Verdade seja que a maldizente visinha durante mezes scena tão violenta glozou, dando-lhe um vulto que não tinha. Ninguém pontos aos contos accrescenta como o visinho — ou antes — a visinha.

IV

Quando eu soube de caso tão nefasto, tive um abalo que exprimir não posso! O meu affecto era um affecto casto! (Nótem que eu digo — o meu —, não digo — o nosso —). Ella, os meus sonhos, ella, o meu fadario, para o resgate da paterna bençã, outro noivo aceitou. Do com-

mentario dispensam-me os leitores; não dispensam? De mais a mais a coisa é corriqueira, pois muitas vezes apparece ao anno o typo da donzella brasileira que ama Fulano e casa com Beltrano...

O noivo era hedlondo... Eu sou suspeito, e receio, confesso, que os leitores imaginem que falo por despeito do odioso ladrão dos meus amores.

Embora!... O noivo era hediondo e tolo; gastronomo, pansudo e já grisalho, não valia (e foi esse meu o consolo) quanto eu valia e mesmo quanto eu valho. Tinha dinheiro, e muito bom dinheiro; casas no campo e casas na cidade; mas o rifão lá diz — e é verdadeiro! — que o dinheiro não faz a f'licidade. Eu não trocára por um palacete a leda alcova, aberta á luz do dia, o risonho e garrido gabinete onde os meus versos languidos fazia! Não dava pela rútila commenda que o indigno rival trazia ao peito, a flor que um dia — melindrosa prenda! — no frak ella me poz com tanto geito!

V

O casamento fez-se quatro mezes depois da horrivel scena já descripta. Festas assim succedem raras vezes! Nunca vi uma boda tão bonita! Ricos tecidos, preciosas rendas, custosas sedas, e fardões bordados, e joias, e gran-cruzes, e commendas!... Não cabiam na igreja os convidados!

Para mim proprio dar um grande exemplo, contive n'alma a exalação do pranto, furtivamente penetrei no templo, e ás cerimoniaes assisti de um canto...

A noiva tinha a pallidez de cera; brilhavam pouco os olhos seus profundos; mas tão formosa não me parecêra nas entrevistas do portão dos fundos.

VI

Quando as vozes ouvi do orgam, plangentes, que coragem, meu Deus, me foi precisa! Lagrimas puras, lagrimas ardentes, rolaram-me no peito da camisa.

Ella tambem chorava. Uma cascata lhe borbotava sobre a face bella... Ai! com toda a certeza aquella ingrata pensava em mim como eu pensava nella!

VII

Sahiram todos.

Fiquei só na igreja, e de joelhos me puz, cobrindo o rosto, cheio de ciumes, livido de inveja, e embrutecido pelo meu desgosto!

Não resava: sonhava, e em sonhos via a minha doce namorada morta...

Só dei por mim quando da sacristia gritaram: — Saia! vae fechar-se a porta!

VIII

Passou-se um anno.

Ella voltou da Europa.

Recrutou muitos contingentes novos dos seus encantos a bizarra tropa no clima frio dos antigos povos. Tinha na face da saude ás côres; carne mais quente lhe cobria os ossos; dava-lhe o sangue subitos rubores... E os lindos braços tremulos e grossos?...

Encontrei-me com ella em Botafogo, n'um baile, em casa do barão ***. Seus olhos negros, brilhantes, dardejavam fogo, e promessas faziam... sem reflexos. Tinha nos labios um sorriso f ranco, tão diverso d'aquelle de menina; e o collo, arfando, entumecido, branco, estremecia como a gelatina.

Ella sorriu-me; eu não sorri: curvado, tive apenas um gesto de cabeça. Ella, porém, correu para o meu lado, inconsequente, gárrula, travessa!

— O seu braço! me disse.

Eu dei-lhe o braço, e começámos a passeiar nas salas.

E eu repeti commigra... cada passo.

— Não ha que ver, estou mettido em talas! Allí mesmo jurou que ainda me amava como sempre: me amára: ardentemente! Que eu tinha nella uma senhora... escrava, terna, submissa, amante e reverente!

Tentei ser forte... Um santo que resista á luz de uns olhos negros e profundos!

E... não faltel á calida entrevista que ella me deu... não no portão dos fundos...

IX

Duas vezes, tres vezes por semana, eu, venturoso, achava-me ao seu lado! Oh! se eu tivesse a musa ovidiana, cantára o nosso indomito peccado!

X

Mas tudo acaba! — percebi que o tedio seu perverso espirito invadira... Saudoso, vi perdido, e sem remedio, o seu amor, — estúpida mentira!

Alguem o meu logar tomou; depressa outro, e mais outro... E tarda o derradeiro!... Do vicio a velha machina não cessa... Já lá se vae o decimo primeiro!

E cada vez mais bella entre as mais bellas a minha pobre namorada estava.

Era um anjo... sem azas, mas, sem ellas, de coração em coração voava!

XI

Afinal o marido, esse homem serio, que unca leu anonymas missivas, morreu sem descobrir que do adulterio victimas foram suas cans activas.

XII

Agora, a parte mais interessante, o lado physico do conto... (Eu desconfio que já estou masante; mas o recado meu vou dar por prompto).

Mezes antes da morte do marido, nascêra um filho á minha namorada, e por esse morgado estremecido subitamente a mãe foi transformada: nunca mais teve amantes! Entretanto, mais bella estava do que nunca o fôra!

O facto a muita gente fez espanto... Se ella era viuva, e rica, e tentadora!

Mas não! vivia apenas para o filho cujo pape não conhecia ao certo! Da virtude por elle entrou no trilha, e agora presumia-se a coberto de toda a tentação!

Mais de um sujeito a mão de esposo lhe offereceu, e ella, c'um sorriso magoado e contrafeito, respondia que não, formosa e bella! No filho sua vida se cifrava... Ella mesma o banhava; ella o vestia... E só chorava se o bebê chorava! E só sorria se o bebê sorria!

XIII

Um dia encontro-a só, e lhe pergunto como se explica tal metamorphose; se o só respeito pelo seu defunto faz com que o que gozára já não goze.

Respondeu-me que não; que fez loucuras pelo «desejo de ser mãe»! Jurava que, nas suas galantes aventuras, buscava um filho, nada mais buscava!

E nos seus labios humidos diviso, como uma sombra de abismados mundos, aquelle mesmo angelico sorriso das entrevistas do portão dos fundos...

DECLARAÇÃO NECESSARIA

Esta historia, leitor, é puro invento. Eu não quero, por Deus! ficar mal visto! N'um dia em que me achei mais pachorrento, não tendo nada que fazer, fiz isto...

Nenhum d'aquelles personagens vive; nunca viajei por ignorados mundos; nunca tive namoros, nunca tive taes entrevistas no portão dos fundos.

BRASIL

Oh! boiadeiro!
O fim desta estrada
Onde é que vai dar?
— No fim desta estrada
Tem sete lagoa
Tem dez capoeira
Tem vinte frecha
Dispois tem cem tio

Alto de que o não
Dispois tem as serras
Subindo nas serras
Lá emriba na chá
E quando pr'a baixa
Parece boiada...

Os dias vai vindo
Vandê vi seguiu
Que não tem erro
Dispois disse fada
Tem mais outra coisa
Dispois dessa estrada
Tem muitas estradas
Tem sempre fada
Dispois de Brasil
Dispois não tem nada!